

coleção:
TEMAS ESPECIAIS- RUDOLF STEINER

PEDAGOGIA, ARTE e MORAL

**Palestras de 25 e 26 de março de 1923
Dornach, GA 304 a**

**Tradução:
Christa Glass**



A presente obra baseia-se na edição original alemã, que surgiu entre as Obras Completas (Gesamtausgabe: GA's) de Rudolf Steiner, pela Editora Rudolf Steiner (Rudolf Steiner Verlag), em Dornach/Suíça.

A Administradora do Legado de Rudolf Steiner (Rudolf Steiner Nachlassverwaltung), a quem pertencem o Arquivo Rudolf Steiner (Rudolf Steiner Archiv) e a Editora Rudolf Steiner (Rudolf Steiner Verlag), é sua editora oficial. Para que as atividades do Arquivo Rudolf Steiner, assim como a publicação de sua obra possam estar garantidos, o Arquivo depende totalmente de doações, já que não recebe nenhum subsídio oficial ou de qualquer outra natureza. Para este fim, existe uma associação que o promove: Internationale Fördergemeinschaft Rudolf Steiner Archiv.

Para mais informações, entre em contato com:

Rudolf Steiner Archiv
Postfach 135
CH-4143 Dornach I
Suíça

archiv@rudols-steiner.com
www.steinerarchiv.info
www.steinerverlang.com

SUMÁRIO:

PEDAGOGIA E ARTE:

Stuttgart, 25 de março de 1923 pág. 07

PEDAGOGIA E MORAL:

Stuttgart, 26 de março de 1923 pág. 39

PEDAGOGIA E ARTE

Stuttgart, 25 de março de 1923

Meus queridos amigos, desde os primórdios da antiga Grécia uma frase bem conhecida e muito citada chega à humanidade, ressoando nas profundezas da alma, como uma advertência: *Homem, conhece-te a ti mesmo*. Uma enorme exigência é colocada diante do ser humano, muitas vezes não percebida tão claramente: a exigência de que o indivíduo trave conhecimento de seu verdadeiro ser real, seu verdadeiro e real significado universal, através de sua atividade anímica e espiritual mais valiosa.

Bem, em geral, quando uma exigência como essa é colocada para a humanidade, em uma determinada época e a partir de um local significativo, ela não está indicando algo de realização simples, algo que possa ser facilmente atingido: ao contrário, ela indica, antes de tudo, a ausência de algo especial nessa época, algo de difícil concretização.

E, quem olhar para trás na História – não de maneira superficial, teórica, mas de forma a sentir as antigas épocas da civilização humana do ponto de vista histórico – irá perceber que, no fundo, o surgimento dessa exigência na antiga Grécia significa a diminuição, e não o crescimento da força do auto-conhecimento humano, da força do conhecimento verdadeiro e profundo do ser humano. Pois, ao olhar para trás, para aquela época da evolução humana em que o sentir religioso, o observar artístico e o conhecer conceitual e ideal ainda estavam ligados em uníssono, sentimos que, naquele período de união harmoniosa entre a Religião, a Arte e a Ciência, o ser humano se percebia naturalmente como cópia, como imagem do espírito divino que permeia e interpenetra o mundo. Ele se sentia como um ser proveniente de Deus na Terra. Nos primórdios da humanidade era evidente que o auto-conhecimento humano fosse procurado no conhecimento de Deus, no conhecimento do divino, na origem espiritual primordial atuante no homem, que era, ao mesmo tempo, vivenciada e pensada como a origem primordial do universo. Em épocas muito antigas, quando o indivíduo pronunciava o que em nossa língua soaria aproximadamente como 'eu', ele pronunciava, ao mesmo tempo, a soma de todas as forças centrais do ser universal, e fazia ressoar nessa palavra com a qual designava a si mesmo, aquilo que é o ser atuante e criativo no universo.

Ele se sentia unido ao universo em seu cerne mais íntimo. O que originalmente era evidente, o que aparecia aos olhos tal como as cores se manifestam no mundo lá fora ao órgão da visão tornou-se, mais tarde, algo difícil de ser conquistado. E, se nesses tempos passados, o apelo para o auto-conhecimento se apresentasse ao ser humano, se ele ouvisse um ser extraterreno dizer a frase *conhece-te a ti mesmo* – dificilmente um ser terrestre a diria – ele responderia: *Para que serve o esforço do auto-conhecimento? Nós, seres humanos, somos a imagem de Deus que reluz, que ressoa, que aquece e abençoa o mundo inteiro. Ao reconhecer o que o vento leva por entre as árvores, o que o raio envia através do ar, o que ressoa no trovão, o que se transforma nas nuvens, o que vive na haste do capim, o que floresce na flor, reconhece-se também o próprio ser.* Quando esse conhecimento do universo – o conhecimento espiritual divino – não foi mais possível ao longo do desenvolvimento progressivo da autonomia humana, o ser humano deixou soar *conhece-te a ti mesmo* das profundezas de seu ser, indicando algo que anteriormente fora sua vivência natural atuante no mundo, algo que foi se tornando cada vez mais difícil de atingir.

Temos um período importante do desenvolvimento humano entre o aparecimento desta exigência *conhece-te a ti mesmo* e outra afirmação surgida apenas em nossa época, durante o último terço do século XIX. De certa

forma, esta outra afirmação é uma resposta à antiga frase apolínea. Ela foi enunciada por um excelente cientista natural do último terço do século XIX: *Jamais conheceremos – ignorabimus!* Temos de considerar o *ignorabimus* como a resposta à antiqüíssima frase apolínea porque, quando ela foi enunciada por Du Bois-Raymond¹, significava que a Ciência Natural moderna, que fez um progresso tão significativo, deve parar diante de determinados limites: por um lado, o limite da consciência e por outro, o limite da matéria. O ser humano não pode conhecer o que está contido entre consciência e matéria. Foi o que este naturalista formulou, ele que compreendeu tão bem do que a pesquisa natural é capaz quando se torna grande. De acordo com sua opinião, o ser humano jamais será capaz de conhecer o que vive como mundo da consciência na matéria corporal humana, e como o que se passa fisicamente no corpo humano transforma-se na vivência interior da alma que atua na consciência. No entanto, o ser humano é exatamente a vida da consciência na matéria humana, o espiritualizar da matéria corporal humana através dos impulsos da consciência. E quem não chegar ao conhecimento sobre como a consciência permeia, influencia, vivifica a matéria corporal humana, sobre como a matéria pode, por si mesma, ser

¹ DU BOIS REYMOND, (1818-1896), médico e fisiologista alemão.

levada à luz na qual a consciência pode aparecer, não poderá pensar em realizar a exigência *Homem, conhece-te a ti mesmo*, por mais que se esforce.

Existe um importante período de tempo no desenvolvimento anímico do ser humano entre estas duas afirmações históricas de importância universal². Ainda existia durante este período força interior humana suficiente, vinda dos tempos antigos; assim, o que era evidente no passado, ou seja, a busca pelo humano no ser divino manifesto, era percebido da seguinte maneira: o ser humano conquistará lentamente o auto-conhecimento ao se empenhar, por meio de força interior. Mas a força de auto-conhecimento foi se debilitando cada vez mais. Finalmente, durante o último terço do século XIX, ela havia se tornado tão fraca que ressoou a negação da frase apolínea, o ocaso definitivo do auto-conhecimento: *Homem, tu não és capaz de te auto-conhecer*.

Bem, se for assim – e, de fato, a Ciência Natural praticada mais recentemente penetra os segredos da natureza apenas na forma que corresponde às necessidades da humanidade moderna – se a Ciência Natural deve confessar não ser possível reconhecer a atuação da consciência na

² “Homem, conhece-te a ti mesmo” e “Enquanto seres humanos, jamais conheceremos o atuar da consciência na matéria”.

matéria, então temos apenas outro modo de dizer: *O conhecimento do ser humano é impossível*. Ainda assim, devemos agora afirmar algo diferente.

Da mesma forma como a capacidade de reconhecer-se no conhecimento de Deus já estava em processo de obscurecimento quando ressoou a frase *“Homem, conhece-te a ti mesmo”*, assim também a renúncia ao auto-conhecimento, isto é, a renúncia ao conhecimento humano já estava em processo de obscurecimento quando foi colocada a exigência *“Oh, homem, resigna-te a qualquer auto-conhecimento, a qualquer conhecimento humano”*. Também aqui esta frase não indica o que nela está contido, e sim o oposto vivenciado pela humanidade.

Pois, uma vez que a força do auto-conhecimento vinha se tornado cada vez mais fraca, já havia surgido a ansiedade por conhecer o ser humano, e agora não apenas por necessidade teórica do intelecto, não por meio de algum impulso científico, mas originada pelos impulsos do coração, pelos impulsos mais profundos da alma humana. A humanidade já havia começado a sentir que não se penetrará na essência do ser humano por meio da Ciência Natural, por mais que se penetre no conhecimento da natureza da forma brilhante que tanto ofereceu à humanidade moderna. Deve, portanto, existir um caminho para conhecer a essência humana. A partir do posicionamento dessa nova exigência em favor do conhecimento do homem – negado

pela Ciência Natural na medida em que declara o oposto – o anseio pedagógico está agindo na humanidade de maneira fundamental, em paralelo a outros âmbitos da vida: o anseio por desenvolver o relacionamento correto entre o indivíduo e o ser humano em devir, com o ser humano que deve ser educado e instruído. Justamente nesta época em que se quis afirmar a desistência de qualquer possibilidade de conhecimento do homem, se manifesta cada vez mais, também nesta época, por meio de almas humanas preocupadas com a educação e o ensino, a seguinte certeza: o intelectualismo, o conhecimento exterior baseado nos sentidos e na razão – embora também queiram se aproximar do homem – são inadequados para lhe dar algo através do qual se possa tratar do ser humano em formação, da criança, dos jovens adolescentes de maneira educativa e instrutiva. Por isso, percebemos nesta época, em todo lugar, a seguinte convicção: deve-se apelar às forças do sentimento e da vontade no ser humano, a partir do desenvolvimento do intelecto, este que trouxe resultados tão significativos para os conhecimentos exigidos por nossa época. Não se deve estimular unilateralmente a intelectualidade na criança, não se deve estimular meramente que a criança se torne um conhecedor, mas sim alguém que possui capacidades.

Está presente nesta proposta pedagógica algo importante: renuncia-se à verdadeira introspecção sobre